



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

O CONCEITO DE GESTO NA POESIA DE ANGÉLICA FREITAS

Yasmin Nigri (UFF)

Pedro Süssekind (UFF)

RESUMO: Este trabalho realizará uma análise da obra *Um Útero é do Tamanho de um Punho* da poeta Angélica Freitas, finalista do prêmio Portugal Telecom em 2013. Nascida em Pelotas, Angélica também é jornalista e tradutora, *Um Útero* é seu segundo livro e reúne 35 poemas que têm a mulher como centro temático. Na série 3 poemas com auxílio do Google, quinta parte da obra, a autora utiliza o referido site de buscas em sua composição. A ferramenta, com o intuito de otimizar as pesquisas, sugere automaticamente os termos relacionados, ou seja, à medida que o usuário digita na barra de pesquisa, o Google prevê a intenção de suas buscas e oferece sugestões, tanto de links patrocinados quanto de links mais acessados. O recurso também é conhecido como Google Suggest. Ao ressignificar a ferramenta, a autora prioriza aquilo que escapa ao dispositivo e transforma esse viés do dispositivo em uma mudança do próprio dispositivo. Tendo em vista a influência do sistema capitalista na arte, o modo de entrada para a discussão serão as obras *Profanações* de Giorgio Agamben e *Conferências Introdutórias à Psicanálise de Freud*. A partir dos conceitos de ato falho na psicanálise freudiana e de gesto na filosofia de Agamben, esta análise desdobrará os questionamentos e problematizações do status quo contidos nos poemas de Angélica.

Palavras-chave: Gesto. Poesia. Ato Falho. Angélica Freitas.

A partir dos conceitos de ato falho na psicanálise freudiana e de gesto na filosofia de Giorgio Agamben, este trabalho realizará uma análise de “3 poemas com auxílio do Google”, quinta parte da obra “Um Útero é do Tamanho de um Punho” da poeta Angélica Freitas.

Na série de poemas “A mulher vai”, “A mulher pensa” e “A mulher quer”, a autora utiliza o site de buscas Google em sua composição. A ferramenta em questão, com o intuito de otimizar as pesquisas, sugere automaticamente os termos relacionados, ou seja, à medida que o usuário digita na barra de pesquisa, o Google prevê a intenção de suas buscas e oferece sugestões, tanto de links patrocinados quanto de links mais acessados. O Google Suggest funciona da seguinte maneira:

A ordem em que aparecem as sugestões de busca se dá pela própria importância dos termos para uma determinada comunidade de usuários sobre aquele termo. Já a ordenação de URLs, se dá pela importância da URL em si. Com base nas palavras (e letras) que são digitadas, opções de pesquisa começam a aparecer baseados em: (1) uso de dispositivo móvel para realização da busca, (2) uso de um desktop para realização da busca, (3) identificação de perfil de usuário, (4) existência de um histórico de busca que possa ser usado para definir interesses do usuário, (5) tipo de conexão, (6) velocidade de conexão, (7) configurações do browser (como língua usada), (8) qual a frequência que determinada sugestão foi utilizada como busca quando apresentada conceitos associados à busca (animal, alimento, música, ...). O que chama a atenção é que não são sugestões gerais que aparecem da mesma forma para todo usuário que faz determinada busca, mas, pelo contrário, até mesmo a velocidade da conexão entra na equação de formação do conjunto de sugestões a se apresentar. (MARCEL, 2009)

Angélica, ao versificar as sugestões fornecidas pelo Google às pesquisas “A mulher vai”, “A mulher pensa” e “A mulher quer”, ressignifica a função do site, de eficaz ferramenta de busca a eficaz ferramenta de amostragem social, desvelando seu caráter ético e político. Os poemas inauguram uma nova prática artística no Brasil denominada googlagem. O resultado de seu experimento com o Google é singularíssimo, pois a série de variáveis listadas acima se relacionam intimamente com a vida e o entorno da poeta, além de não termos acesso ao processo de elaboração de sua composição, apenas seu método.

Abaixo, o terceiro poema da série:

a mulher quer

a mulher quer ser amada
a mulher quer um cara rico
a mulher quer conquistar um homem
a mulher quer um homem
a mulher quer sexo
a mulher quer tanto sexo quanto o homem
a mulher quer que a preparação para o sexo aconteça
[lentamente

a mulher quer ser possuída
a mulher quer um macho que a lidere
a mulher quer casar
a mulher quer que o marido seja seu companheiro
a mulher quer um cavalheiro que cuide dela
a mulher quer amar os filhos, o homem e o lar
a mulher quer conversar para discutir a relação
a mulher quer conversa e o botafogo quer ganhar
[do flamengo

a mulher quer apenas que você escute
a mulher quer algo mais do que isso, quer amor, carinho
a mulher quer segurança
a mulher quer mexer no seu email
a mulher quer estabilidade
a mulher quer nextel
a mulher quer ter um cartão de crédito
a mulher quer tudo
a mulher quer ser valorizada e respeitada
a mulher quer se separar
a mulher quer ganhar, decidir e consumir mais
a mulher quer se suicidar (FREITAS, 2012, p. 72)

O conceito de gesto, tal como formulado pelo filósofo Giorgio Agamben, em seu texto “Notas Sobre o Gesto”, nos fornece um modo de entrada para a discussão: “[o gesto] é a esfera não de um fim em si, mas de uma medialidade pura e sem fim que comunica aos homens” (AGAMBEM, 2015, p. 60).

Em outras palavras: ato que não seja o fim da potência ou ato que realiza uma potência mantendo-a em suspenso. O conceito gera uma perturbação entre as noções de contingente e necessário, artificial e natural, promessa e realização. No poema, o gesto compre a tarefa de nos reenviar para além dele mesmo e ao manter em suspenso seu

significado (meio em si mesmo) configura um gesto ético e político, pois “a política é a esfera dos puros meios” (AGAMBEM, 2015, p. 60) segundo o filósofo.

A transferência entre poeta e leitor é o lugar onde as fronteiras ficam porosas, “o autor está presente no texto apenas em um gesto, que possibilita a expressão na mesma medida em que nela instala um vazio central” (AGAMBEM, 2007, p. 59) o mais fundamental do ato criador é exatamente essa dimensão que escapa ao domínio do consciente, o artista não é o agente do ato criador, ele encontra-se no entre, portanto, escapa ao agente. Algo não consciente ao próprio artista é capaz de atingir o leitor e o que caracteriza o ato criador é justamente esse hiato/brecha. O gesto artístico seria então essa distância entre o que se quer fazer e o que efetivamente é feito.

O inconsciente freudiano é caracterizado como esse lugar psíquico (com conteúdos, mecanismo e energia específica) que escapa ao domínio do consciente e que pode se manifestar através de fenômenos como o lapso ou o ato falho (um dos primeiros fenômenos investigados por Freud), hi-atos que torcem o sentido da vida cotidiana, brechas entre a intenção do sujeito e o recalcado. Nesse sentido, podemos caracterizar o lapso e o ato falho mais como gestos do que como atos psíquicos, devido suas incidências nas ações cotidianas. O importante não é tanto o sentido do gesto, mas a promessa de sentido, a primazia é a do significante que pode vir a ter um sentido e não o significado propriamente (suspensão que é ao mesmo tempo promessa).

Nesse caso, a tecnologia (corretor ortográfico, google suggest, etc.) é também possibilidade de desvelamento de atos falhos e lapsos. “Uma curiosidade é o fato de termos de busca com grafia errada também apresentarem o conjunto do Google Suggest, tanto com sugestões para a grafia correta, quanto para a grafia errada. E também o contrário: termos de busca com grafia errada aparecerem em um grupo de sugestões originado de um termo escrito corretamente” (MARCEL, 2009)

As falhas cotidianas, intencionadas ou não, são mediuns reflexivos na poesia de Angélica. Freud deixou explícito em sua conferência, “a permutabilidade recíproca entre diferentes espécies de parapraxias demonstra que coisa na parapraxia é importante e característica: não é sua forma nem o método que empregam, mas sim o propósito a que servem, possível de se atingir das mais variadas formas” (FREUD, 1969, p. 64).

O movimento estético na arte como movimento histórico dominante e a influência do sistema capitalista na arte começam a ser problematizados pelos artistas e o método da ressignificação representa a proposição de um novo uso que suspende qualquer medialidade como resistência ao circuito do consumo e questiona o status quo.

Em seu texto “Elogio da Profanação” Agamben propõe “abrir as possibilidades de uma forma especial de negligência”, profanar no sentido de não reconhecer a separação entre sagrado e profano, ignorar ou fazer dela um uso particular, negligenciar essa separação passa a ganhar um aspecto positivo.

Na sua fase extrema, o capitalismo não é senão um gigantesco dispositivo de captura dos meios puros, ou seja, dos comportamentos profanatórios. Os meios puros, que representam a desativação e a ruptura de qualquer separação, acabam por sua vez sendo separados em uma esfera especial. Exemplo disso é a linguagem. Certamente o poder sempre procurou assegurar o controle da comunicação social, servindo-se da linguagem para difundir a própria ideologia e para induzir obediência voluntária (AGAMBEN, 2007, p.68).

A brincadeira que Angélica Freitas faz com o Google desativa a separação entre sua utilidade e sua medialidade. Sua poesia ressignifica, priorizando aquilo que escapa ao dispositivo e transformando esse viés do dispositivo em uma mudança do próprio dispositivo, pois ao neutralizá-lo ela o retoma ao uso, o que constitui uma ação política para Agamben, já que o consumo (nesse caso o consumo de informações) é o ritual religioso do nosso tempo. O espetáculo e o consumo são duas vias que impossibilitam o uso, ou algo é exibido ou consumido.

A ética da escrita contemporânea caracteriza-se por uma indiferença a respeito do autor, pois quando se transfere a arte do campo estético para o campo ético não se trata mais da expressão de um sujeito, mas da “abertura de espaço de um sujeito que não cessa de desaparecer”, uma enunciação sem rosto.

O lugar – ou melhor, o ter lugar – do poema não está, pois, nem no texto nem no autor (ou no leitor): está no gesto no qual autor e leitor se põem em jogo no texto e, ao mesmo tempo, infinitamente fogem

disso. O autor não é mais que a testemunha, o fiador da própria falta na obra em que foi jogado; e o leitor não pode deixar de soletrar o testemunho, não pode, por sua vez, deixar de transformar-se em fiador do próprio inexausto ato de jogar de não se ser suficiente.
(AGAMBEN, 2007, p. 62-63)

Quando lemos o poema de Angélica sabemos que o que está em jogo não é aquilo que a poeta diz e sim aquilo que permanece inexpresso em sua poesia. A imagem da mulher construída revela o modo como a sociedade enxerga o que é ser mulher dentro do sistema capitalista, basicamente: uma propriedade privada.

É um poema feminista, quer tenha sido sua intenção ou não, pois exhibe todos os elementos de uma sociedade patriarcal: território ou jurisdição do pai (pater) “a mulher quer conquistar um homem/ a mulher quer um homem/ a mulher quer sexo/ a mulher quer ser possuída/ a mulher quer um macho que a lidere/”, onde a família está acima da sua própria individualidade “a mulher quer casar/ a mulher quer que o marido seja seu companheiro/ a mulher quer um cavalheiro que cuide dela/a mulher quer amar os filhos, o homem e o lar”, onde as mulheres estão submetidas aos homens e os meios de opressão estão vinculados à soberania masculina na hierarquia política, econômica e social “a mulher quer um cavalheiro que cuide dela/ a mulher quer um cara rico/ a mulher quer segurança/ a mulher quer estabilidade/ a mulher quer tudo”, o último verso destacado, “a mulher quer tudo”, poderia ser complementado da seguinte maneira: a mulher quer tudo que os homens já têm garantidos na qualidade de privilégios assim que nascem. Nos quatro últimos versos surge a figura da mulher insubordinada (na lógica capitalista) “a mulher quer ser valorizada e respeitada/ a mulher quer se separar/ a mulher quer ganhar, decidir e consumir mais/ a mulher quer se suicidar” cujo último verso orienta para a impossibilidade da libertação da mulher, onde sua última alternativa, confrontada com a própria impotência diante do sistema, se dirige para a resolução final dessa problemática: o suicídio.

Referências:

FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. Selviano J Assmann. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. *Meios sem fim: notas sobre política*. Trad. Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud volume XV: Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

MARCEL, Frank. *Google Suggest – Como o Google Prevê Sugestões*, 2009. Disponível em: <http://www.agenciamestre.com/marketing-digital/google-suggestion-como-google-sugestao-funciona/>